

Manchetes de jornais e papéis temáticos: modos de evidenciar os sentidos de um texto
Luzia Bueno (Universidade São Francisco - USF)

Resumo

Este artigo objetiva apresentar uma proposta de leitura mais crítica das manchetes dos jornais, que vá além de um mero reconhecimento temático, propiciando ao aluno instrumentos para que possa construir uma postura ativa e crítica frente a sua leitura de jornais. Esta proposta, desenvolvida inicialmente em uma disciplina de Sintaxe em um curso de formação de professores de Língua Portuguesa, consiste em trazer para as reflexões lingüísticas da sala de aula, que geralmente centram-se em trabalhos com a gramática normativa, um novo olhar que deixe de lado os “sujeitos” e “predicados” das manchetes, os quais pouco contribuem para explorarmos os sentidos do texto, e que coloque como centro a percepção dos papéis temáticos envolvidos nas predicções criadas pelos verbos. Para realizar esse trabalho, baseamo-nos em Bakhtin / Voloshinov (1981), Dolz & Schneuwly (1998), Schneuwly & Dolz (2004) e Neves (2002 e 2006) e usamos exemplares dos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Correio Popular. A atividade de análise das manchetes permitiu-nos perceber que, por detrás dos tradicionais “sujeitos” e “predicados” tão bem explicitados nas manchetes, deixam-se escondidos, implícitos, os reais agentes das ações que são descritas, ou seja, as pessoas reais de quem os leitores poderiam cobrar atitudes para resolverem os problemas que são noticiados.

Palavras-chave: jornais – leitura – papéis temáticos

Introdução

A leitura de jornais é bastante recomendada para que os cidadãos possam tomar ciência dos fatos que acontecem em nossa sociedade e possam agir, contribuindo para que todos tenhamos uma vida cada vez mais digna. Todavia, para que se possa agir a partir da leitura, é preciso que se faça a leitura de um bom leitor, aquele que efetivamente compreende o que lê, construindo sentidos a partir do texto.

Ao ler, o bom leitor dialoga com o texto, estabelecendo o que denomina Bakhtin / Voloshinov (1929/1981) de compreensão responsiva ativa, questionando-o, criticando, elogiando, discordando, etc. Para se chegar a essa leitura, é preciso que o leitor desenvolva as capacidades de linguagem que lhe possibilitem compreender esse texto. Segundo Dolz & Schneuwly (1998), podemos falar de três capacidades de linguagem que se encontram integradas e só serão separadas por uma questão didática: a capacidade de ação, a capacidade discursiva e a capacidade lingüístico-discursiva.

A capacidade de ação permitiria a adaptação da produção às restrições impostas pela situação de comunicação, implicando a mobilização de três tipos de representações: sobre o meio físico onde se realiza a ação, sobre o tipo de interação comunicativa (estatuto social dos participantes — papéis do enunciador e do destinatário—, instituição social — academia, imprensa, publicidade, ciência, etc — em que o texto é produzido e objetivos da interação) e sobre os conhecimentos

de mundo que podem ser mobilizados na produção de um texto como seus conteúdos.

A capacidade discursiva é aquela que permite gerenciar a infraestrutura textual, isto é, a seleção que se faz de uma variante discursiva (ou várias), de uma forma de seqüenciamento textual, de um conteúdo e da elaboração deste conteúdo na construção de um texto de um dado gênero textual.

E a capacidade lingüístico-discursiva “envolveria as operações de uso de recursos lingüísticos que permitem, de um lado, explicitar as grandes articulações hierárquicas, lógicas e/ou temporais do texto [operações de textualização], tendo em vista o destinatário, e de outro, esclarecer as responsabilidades enunciativas e as avaliações que o enunciador efetua sobre os conteúdos [gerenciamento de vozes e expressão de modalizações]” (Machado, 2002, p. 2).

Notamos nos atuais manuais didáticos destinados aos ensinos fundamental e médio, uma grande preocupação em recuperar o contexto de produção dos textos e estudar o seu tema e/ou estrutura (narrativa, argumentativa, etc.), o que poderia levar os alunos a desenvolverem as capacidades de ação e discursiva. Todavia, ao analisarmos os textos, percebemos que o nível lingüístico-discursivo é pouco explorado, impedindo os alunos de desenvolverem a capacidade lingüístico-discursiva que muito lhes ajudaria a compreender ativamente os textos que lêem.

Visando a sanar essa lacuna, temos procurado insistir, nos vários cursos de formação de professores que ministramos, na necessidade de que se aliem os estudos dos aspectos lingüísticos-discursivos ao ensino efetivo da leitura. Para isso, é necessário ir além do ensino da nomenclatura da gramática tradicional e trazer para a sala de aula as contribuições das gramáticas descritivas, como procuraremos mostrar neste artigo, em que faremos a exposição de uma de nossas sugestões de trabalho para o ensino de leitura e desenvolvimento da capacidade lingüístico-discursiva de nossos alunos.

Para atingirmos esse objetivo, organizamos esse artigo em três seções. Na primeira, discutimos a relação possível entre a gramática tradicional e as gramáticas descritivas e expomos os papéis temáticos como um tópico a ser explorado nas aulas de leitura. Na segunda, exemplificamos a discussão sobre os papéis temáticos, analisando um conjunto de manchetes de jornais. Finalizando, apresentamos as nossas considerações finais.

Gramática tradicional, gramáticas descritivas e papéis temáticos: ampliando a compreensão da sentença

A Gramática Tradicional vem sendo há tempos bastante criticada, devido ao modo como ela é inserida no ensino de Português: ela é a regra, a única, sem possibilidades de discussão. Além disso, na prática do ensino, muito mais que regras de uso da norma culta, insiste-se em um trabalho sobre a nomenclatura gramatical, que pouco tem contribuído para que os alunos leiam ou escrevam melhor. Não pretendemos aqui esmiuçar essa discussão, mas antes fazer uma proposta: já que a insistência na nomenclatura gramatical da gramática tradicional por si só não tem surtido efeito no domínio da língua ou da leitura, por que não procurar consultar outras gramáticas e verificar o que elas têm trazido de contribuições para que se possa compreender melhor o português brasileiro?

Além da Tradicional, que é uma gramática prescritiva, de regras, de normas, temos as gramáticas descritivas, cujo objetivo é descrever as variantes do português a fim de compreender o funcionamento de nossa língua. Entre essas

gramáticas, podemos citar a Gramática Funcionalista que estuda a estrutura da língua, mas sem deixar de lado o contexto em que os enunciados foram produzidos. Dessa forma, segundo Neves (2006: 226), nas análises funcionalistas consideram-se os diversos componentes lingüísticos (sintático, semântico e pragmático) e os vários níveis da organização dos enunciados (predicacional, proposicional, ilocucional), mas sem perder de vista também os vários ângulos que envolvem a atividade lingüística (textual, informacional, interacional). Nessa gramática, portanto, estuda-se a estrutura da língua, mas procurando também compreender os sentidos e funções que cada estrutura tem.

Assim, os estudos dessa gramática podem nos fornecer muitos instrumentos para podermos auxiliar os nossos alunos a desenvolverem a sua capacidade lingüístico-discursiva. Um desses estudos é o relativo aos papéis temáticos que retomam os trabalhos de Charles Fillmore (1968, 1974, 1975 entre outros apud Neves, 1987) sobre a gramática de casos / papéis temáticos, mostrando-nos que a predicação é peça fundamental da organização textual e que o verbo é o ponto central dessa predicação (Neves, 2006). Esses estudos nos obrigam a rever a noção de sujeito da gramática tradicional, uma vez que o sujeito gramatical nem sempre será o “sujeito lógico” da sentença”, como vemos em “A faca cortou o pão” em que “a faca”, sujeito na perspectiva da gramática tradicional, é, na verdade, no nível do sentido, o Instrumento que foi usado por um Agente, que não foi explicitado na frase, para cortar o Objetivo “pão”. A escolha por um dado verbo abre possibilidades para que um conjunto de papéis temáticos apareçam na sentença, criando uma pequena cena, na qual “diferentes personagens desempenham papéis necessários ao enredo (como no teatro)” (Ilari, 2001: 131). Vejamos alguns deles:

- Agente: papel do ser animado instigador da ação identificada pelo verbo (**Pedro** cortou o pão)
- Instrumental: papel do objeto inanimado causalmente implicado na ação (Pedro cortou o pão **com a faca**)
- Objetivo: papel das coisas afetadas pela ação (Pedro cortou **o pão** com a faca)
- Locativo: papel que identifica a localização ou orientação espacial do estado (Pedro cortou o pão com a faca **na sala de estar**)
- Temporal: papel que identifica o tempo em ocorreu a ação (**Ontem** Pedro cortou o pão com a faca)
- Fonte: papel que identifica a fonte de um “movimento” literal ou metafórico (Maria passou da **tristeza** à felicidade)
- Meta: papel que identifica o destino final de um “movimento” literal ou metafórico (Maria passou da tristeza à **felicidade**)

Fillmore desenvolveu em seus artigos várias discussões sobre esses papéis chegando inclusive a substituir os nomes e a acrescentar outros. Para nossa discussão, o importante é recuperar a idéia de Fillmore que é trabalhada na Gramática Funcional de que a sentença consiste na relação de um verbo com um ou mais sintagmas nominais, que exerce um papel temático. Essa visão nos obriga a olhar a sentença, indo além de sua estrutura, refletindo também sobre o sentido que ela apresenta explicitamente e o que ela encobre. Vejamos melhor essa discussão, analisando algumas manchetes de jornais.

Manchetes e papéis temáticos

Considerando que os jornais são organizados em seis colunas, para a discussão desse artigo, selecionamos as manchetes que apresentam-se com letras em negrito, tamanho maior que os demais títulos e que ocupavam no mínimo duas colunas da primeira página do primeiro caderno de três grandes jornais, dois de nível nacional e um regional: O Estado de S. Paulo (OESP), Folha de S. Paulo (FSP) e Correio Popular (CP) do dia 18/07/2008. Assim, obtivemos sete manchetes:

Jornais	Manchete de 4 colunas	Manchete de 3 colunas	Manchete de 2 colunas
OESP	Tarifaço do governo argentino é derrubado		Por ordem de Lula, PF tenta negar pressões Justiça prende pivô da máfia das carteiras
FSP	PF divulga apenas trechos de diálogos com delegados		
CP	Concurso ‘trapalhão’ começa a devolver taxa de inscrição	Estiagem ameaça periferia	Combate ao cerol inclui campanhas e até defesa pessoal

Vejamos essas manchetes nos jornais:



esporte
XICO SÁ
Usar a inteligência
uma vez só não é
fácil no futebol **pg. 3**



Optamos por esses jornais devido à relevância nacional ou regional que possuem e selecionamos exemplares do mesmo dia na expectativa de que as manchetes se referissem aos mesmos fatos. Todavia, só houve coincidência de manchetes nos jornais de nível nacional: Folha e Estado.

Em nossa análise, procuramos analisar os sujeitos na perspectiva da gramática tradicional e os papéis temáticos que os termos nessa função desempenham a fim de verificar que sentidos as manchetes expõem e que sentidos ficam implícitos.

Como resultados de nossa análise, constatamos que as manchetes são escritas, em sua maioria, em períodos simples com uma única oração na ordem direta (Sujeito – Verbo – Complemento) e com verbos na voz ativa. Somente na manchete “Tarifaço do governo argentino é derrubado”, encontramos voz passiva e sujeito paciente. Assim, em uma análise na perspectiva da gramática tradicional, verificamos que há quase sempre um sujeito agente, como se pode observar em seis manchetes das sete manchetes:

1) “Por ordem de Lula, **PF** tenta negar pressões”
(O Estado de S. Paulo, 18/07/2008)

2) “**Justiça** prende pivô da máfia das carteiras”
(O Estado de S. Paulo, 18/07/2008)

3) “**PF** divulga apenas trechos de diálogos com delegados”
(Folha de S. Paulo, 18/07/2008)

4) “**Combate** ao cerol inclui campanhas e até defesa pessoal”
(Correio Popular, 18/07/2008)

5) “**Concurso** ‘trapalhão’ começa a devolver taxa de inscrição”
(Correio Popular, 18/07/2008)

6) “**Estiagem** ameaça periferia”
(Correio Popular, 18/07/2008)

Se os sujeitos e a estrutura dessas seis manchetes é muito semelhante na perspectiva da gramática tradicional; ao analisarmos os papéis temáticos, notaremos que essas estruturas ganham novos sentidos que ampliam a nossa compreensão dessas manchetes.

Em primeiro lugar, notamos que o papel de agente, enquanto um indivíduo capaz de fazer a ação verbal, não aparece em nenhuma das manchetes, ainda que possamos considerar que, nas duas sobre a PF — Polícia Federal — (“Por ordem de Lula, PF tenta negar pressões” —OESP— e “PF divulga apenas trechos de diálogos com delegados” —FSP), há implícito a idéia de que alguém da polícia federal fez as ações. Contudo, a manchete não deixa claro quem foi exatamente esse indivíduo, sugerindo, pelo silêncio, que toda a polícia federal executou tais ações, mas seria esta a verdade? Não haveria indivíduos que agiriam (ou agiram) de outra forma? Observemos como tentar encontrar os papéis desempenhados pelos sujeitos já nos encaminham para uma reflexão maior sobre os sentidos produzidos e pretendidos na manchete.

Na manchete “Justiça prende pivô da máfia das carteiras” (OESP), o sujeito “Justiça” desempenha o papel temático de instrumento, já que foi por meio da justiça que um agente, não explicitado, prendeu o pivô das carteiras. Em “Combate ao cerol inclui campanhas e até defesa pessoal” (CP), “combate ao cerol” é a meta que um agente quer atingir ao incluir campanhas e até defesa pessoal. O “concurso ‘trapalhão’”, em “Concurso ‘trapalhão’ começa a devolver taxa de inscrição” (CP), é a fonte de onde virá a taxa de inscrição a ser desenvolvida. E, em “Estiagem ameaça periferia” (CP), a “estiagem” indica o tempo em que a periferia, ou melhor, as pessoas da periferia encontram-se ameaçadas. E os agentes que fizeram as ações verbais noticiadas? Eles não foram para as manchetes.

Resumindo: as manchetes, de modo geral, não apresentam os agentes humanos responsáveis pelas ações verbais que são expostas, como podemos ver ao analisar os papéis temáticos. Assim, os fatos são apresentados nas manchetes como se eles existissem por si próprios independentemente de uma ação, consciente ou não, de um ser. Essa ausência do agente da ação obriga o leitor com compreensiva ativa, do qual falamos no início do texto, no mínimo a ficar desconfiado e a se fazer algumas questões: por que os jornais agem assim? Que consequências essa ausência causa na visão que se tem dos fatos?

Para cada manchete, haverá uma notícia ou reportagem que poderá responder as indagações ou levar a outras. Mas vejamos uma das manchetes do Correio Popular e o texto que o acompanha na primeira página do jornal. A

manchete diz “Estiagem ameaça a periferia”, enfatizando a “estiagem” como o responsável pela ameaça que sofrem as pessoas da periferia, como a senhora da foto, diante de seu barraco que foi destruído pelo fogo. Há um contraste entre o drama que deve estar vivendo um ser humano que acabou de perder o seu lar e, conseqüentemente, os seus pertences e os dizeres impessoais da manchete que atribuem à estiagem e não à falta de ações de homens públicos, os quais até podem ser nomeados (prefeitos, vereadores, governadores, etc), a causa dos problemas da periferia, outra palavra que ajuda a esconder os pacientes reais dessa tragédia: os seres humanos que são obrigados a viverem em regiões sob riscos constantes. A foto evoca o drama humano, mas a manchete o esvazia. Será que o texto abaixo da manchete tocará nesse drama? Não, novamente, encontramos palavras que nos expõem um fenômeno temporal da natureza diante do qual só é possível a resignação. Afinal, o que fazer ante o clima seco, os incêndios, a baixa umidade do ar?



Maria da Conceição em frente ao que restou do seu barraco depois do incêndio em mata se alastrar e atingir favela

Estiagem ameaça a periferia

Foco de incêndio, ontem, destruiu totalmente um barraco

Queimadas, agravamento de doenças respiratórias e poluição do ar são as principais conseqüências da baixa umidade relativa do ar. Na última quarta-feira, a umidade mínima em Campinas chegou a 22%. Essa condição favorece focos de incêndio, como o que, ontem, destruiu totalmente um barraco no núcleo habitacional Chico Amaral. Também influencia no volume de poluentes no ar. Na terça-feira, a qualidade do ar em Paulínia foi considerada má pela Cetesb, com índices elevados de ozônio. **PÁGINA A7**

(Correio Popular, 18/07/2008, 1º Caderno)

A leitura dessa chamada de primeira página e de sua manchete poderia levar um leitor, sem a capacidade lingüístico-discursiva desenvolvida, a pensar que se trata apenas de mais um texto informando sobre os problemas que acontecem geralmente nessa época do ano. Todavia, um leitor, ainda que esteja apenas começando a desenvolver essa capacidade, por meio do estudo, por exemplo, dos

papéis temáticos, certamente se incomodaria com a ausência de agentes humanos nessas sentenças e com a naturalização, ou banalização, que foi feita de um problema grave que atinge as pessoas de classes mais baixas, moradoras de barracos e favelas, e seres humanos como todos nós, que queremos que nossos governantes nos garantam segurança durante o ano todo. Nesse texto, o humano desaparece, surgem os instrumentos, os tempos, as fontes. Todavia, para um leitor com compreensão ativa, surge com esse texto também a possibilidade de questionar os jornalistas, os governantes, os demais cidadãos e até si próprio sobre os porquês desse tipo de texto, dessa forma de abordagem, dessa visão que torna as pessoas menos favorecidas objetos a serem expostos nas fotos da primeira página, mas tira-lhes o direito às dores e aos sofrimentos das pessoas de outras classes sociais.

Há muitos mais aspectos lingüísticos-discursivos que poderiam ser explorados nesse texto e nas demais manchetes a fim de levar os nossos alunos a desenvolverem a capacidade lingüístico-discursiva; estudar os papéis temáticos é só um começo que, como vimos, pode ser muito importante para que novos sentidos possam ser construídos em uma boa leitura.

Considerações finais

Os resultados de nossa análise nos mostraram que trabalhar com as contribuições das gramáticas descritivas pode contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, mais especificamente com a capacidade lingüístico-discursiva, pois essas gramáticas nos permitem olhar além da estrutura tradicional das frases apresentada pelas gramáticas tradicionais.

Assim, acreditamos que valeria a pena para o professor dos ensinos fundamental e médio investir nessa proposta a fim de formar leitores cada vez mais desenvolvidos e críticos. Se isso puder ser feito com os jornais, certamente não só os alunos ganharão, mas toda a sociedade, pois teremos cidadãos mais cômicos e ativos em relação aos problemas do mundo em que vive.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. / VOLSHINOV, V.N. (1929/1981). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec.
- DOLZ, J. et SCHNEUWLY, B. (1998) (org.) **Pour un enseignement de l'oral: initiation aux genres formels à l'école**. Paris. ESF.
- ILARI, R. (2001) **Introdução à Semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto.
- MACHADO, A. R. (2002). "Os textos de alunos como índices para avaliação das capacidades de linguagem". In: **Seminário e Práticas de Análise**, ANAIS do III Colóquio Franco-brasileiro de Análise do Discurso, BH: UFMG
- NEVES, M.H.M.(org.) (1987) Gramática de casos. **SériEncontros**. Ano II, nº 1. Araraquara: Unesp.
- NEVES, M.H.M. (2002) **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. Araraquara. Editora Unesp.
- NEVES, M.H.M. (2006) **Texto e gramática**. São Paulo. Contexto.
- PERINI, M. (2006) **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial.

Jornais:

Correio Popular, 1 ° caderno, 18/07/2008

Folha de São Paulo, 1º caderno, 18/07/2008

O Estado de São Paulo, 1º caderno, 18/07/2008